

## Apresentação

As memórias são uma construção muito engraçada, não sei se muito elaborada ou se ridiculamente simples. O certo é que pegamos num pouco da nossa verdade, juntamos um pouco de imaginação e vamos, com o passar dos anos, acrescentando pormenores, uns reais, outros fictícios, uns vindos da nossa memória outros da memória alheia. E daí que as memórias da consoada, em família, de 2004 possam ser qualquer coisa de muito diferente consoante o membro da família que as recorda.

E depois temos memórias colectivas (enquanto família, enquanto país, enquanto civilização) de épocas em que não vivemos, de acontecimentos que não experienciámos... - E o Natal, o 1º, é um bom exemplo disso. – Mas falamos delas com toda a convicção.

E finalmente, temos memórias completamente ficcionadas, baseadas em várias memórias reais, que nos permitem imaginar como teria sido viver em 1900, ou memórias mais elaboradas de como seria viver em Marte em 3056 (convenhamos, se conseguimos relatar algo, é como se o tivéssemos vivido e vai direitinho para a categoria “memórias”).

Hoje, com este livro, estamos a lembrar memórias passadas, criando memórias futuras (as deste livro), e despoletando ao leitor as suas próprias memórias. Um fascínio!

Os nossos autores não se fizeram rogados em vasculhar o proverbial baú, e desencantarem de lá uns maravilhosos contos de Natal. Qual Scrooge de “A Christmas Carol” de Charles Dickens, somos transportados por vários natais (ah! não estranhem, o Scrooge vem mencionado já no conto a seguir, o que de facto não é de admirar pois também ele, e Dickens, arranjaram maneira de fazer parte das nossas memórias de Natal e aqui, literalmente, do passado, do presente e do futuro). E também somos transportados ao passado apenas como espectadores (e mais não digo...).

Sem estranhar, estes 11 contos de Natal são um festim para os

sentidos: sente-se a textura dos manjares, o cheiro da canela e dos pinheiros, a música e os cânticos de Natal, o ruído de um embrulho que se rasga com a antecipação de saber o que está dentro... E, para verem como os nossos autores são talentosos, sente-se a vertigem de um Pai Natal paraquedista (têm mesmo que ver!), a nostalgia de uma mantinha que ficou por terminar, mas sobretudo sente-se muito amor, muita ternura e muita saudade. E algumas mágoas que a idade não repara, de um presente que não se teve...

E há calor, o da lareira e o humano, e alegria e luz e brilho. E casas que aprenderam a ser lares e a ser Natal, um Dezembro de cada vez.

Memórias, memórias e mais memórias representadas por pequenos gestos e por singelos objectos guardados com todo o enlevo de uns anos para os outros. E as prendas preciosas, tanto aquelas que foram feitas com todo o carinho, como aqueles ensinamentos que nos acompanham pela vida

E o desafio repete-se este ano reviver memórias, criar memórias novas. Homenagear os que estão connosco dando-lhes todo o nosso amor e atenção; homenagear os que já não estão mantendo as suas tradições, os seus gestos, o seu espírito natalício.

E lembrar que tudo começou com um Menino que veio ao mundo para o melhorar, não há melhor homenagem a prestar-Lhe de que também nós nos esforçarmos para melhorar o mundo em cada Natal e fazer do Natal o modelo para todo o ano.

Em nome desta família Tecto de Nuvens, aceitem o desejo de uma época de boas memórias, com os votos de um Santo Natal e de um 2024 cheio de esperança, de humanidade e de paz!

Teresa Cunha, editora

**Em todas as edições temos pedido aos leitores que votem no seu texto favorito, é uma maneira de os leitores incentivarem os autores, mas também de se habilitarem a um prémio. Vamos manter essa tradição nesta colectânea.**

**Veja, por favor, como o fazer na última folha deste livro.  
Muito obrigada!**

## O melhor Natal de sempre

O personagem da nossa história trazia-nos à memória o Sr. Scrooge do Conto de Natal de Charles Dickens. No conto de Dickens, Ebenezer Scrooge é um homem avarento e ganancioso que detestava a quadra natalícia. Homem só, sem família e amigos, vivia para o trabalho e para amealhar mais e mais dinheiro. Da janela do seu quarto observava a azáfama das pessoas que passavam na rua em frente, famílias inteiras que entravam e saíam das lojas carregadas de presentes, divertidas e felizes ao som de músicas de natal que enchiam as ruas de Londres onde vivia. Grupos musicais, coros e cantores postavam-se nas principais ruas e praças, deliciando as crianças, fazendo esquecer o frio que se entranhava nos gorros, casacões e cachecóis que protegiam os seus corpos delicados e sensíveis. O Sr. Scrooge, vociferando, fechava a janela e logo se refugiava no interior da fria e triste sala onde não se descortinava qualquer adereço que fizesse lembrar o Natal que se aproximava.

Na história que vos queremos narrar há muito de ficcional, mas há também algo de real. O nosso Scrooge é um senhor de meia-idade que há cerca de um ano chegara ao nosso país para ingressar na Orquestra Sinfónica da cidade, aureolado de brilhante violinista. Vivia só. A família permanecera no país de origem, na longínqua Hungria, pátria de talentosos músicos e de grandes compositores. Instalou-se numa moradia contígua à nossa, num condomínio calmo e aprazível. Tínhamos dele a imagem de pessoa avara, por não partilhar simpatia com ninguém, solitária, austera e, de certo modo, triste. Quando cruzava connosco, raramente tirava os olhos do chão. Nunca esboçou um sorriso que melhorasse a imagem que dele tínhamos e ignorávamos o timbre da sua voz. Os meus pais

## Encanto de Natal

Na minha infância, o Natal entrava sempre pela janela. A sua porta de entrada era uma janela antiga que o espírito natalício já conhecia bem. Uma janela antiga, numa casa antiga construída em pedra na ruralidade e prodigiosidade do Verde Minho. Toda a casa tinha um ambiente rústico e simples, sem requinte, mas com memórias refinadas e abastada de existências. Aquela janela que pertencia àquela casa e, mais concretamente, àquela sala ficava ali durante todo o ano à espera do Natal: era lá que colocávamos a árvore de Natal em tamanho e largura proporcionais àquela janela. Uma árvore de Natal que não era grande. Era do tamanho da infância.

Dias antes do Natal, não muitos, eu e a minha mãe caminhávamos até ao *monte* com o propósito de escolhermos um pinheirinho que seria a nossa árvore de Natal. Nunca escolhemos um pinheiro muito alto, crescido ou imponente, mas sim uma árvore de Natal do tamanho da meninice a quem se destinava. O pinheiro era colocado num vaso com terra forrado a papel de alumínio, um papel nobre para a época. As bolas que o enfeitavam revelavam um tesouro posto a nu em dezembro e as fitas coloridas, guardadas de uns anos para os outros em sacos ou caixas, desembaraçavam-se com o cuidado e contentamento que tal tarefa exigia. Farrapos de algodão branco no pinheirinho apareciam como sinais da mais pura criatividade e arrojo decorativo, tentando simular a neve que em dezembro caía e naqueles ramos se acumulava. Uma verdade, ainda que inventada, mas ninguém a questionava. Todos olhavam para aquela neve como a mais pura que caíra naquele inverno e ali encontrara abrigo.

O tempo de Natal correspondia ao tempo da preparação do festim. Esqueciam-se os problemas, e as

## Não saiba a tua Mão Esquerda

“... Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”  
(Mateus, 6: 3)

Éramos crianças de aldeia; não de uma daquelas aldeias minúsculas semeadas pelo interior, de casinhas caiadas ou de grossas paredes de granito e telhados de xisto, rodeadas de campos lavrados, searas ou vinhas, onde a vida converge para a igreja e o cemitério, mas sim de uma pequena povoação plantada a um quilómetro do mar, que tendo sido alvo de interesses estrangeiros, se desenvolveu, lutadora e assimétrica, firme na sua aspiração a ser elevada a vila.

Nessa povoação tão assimétrica, cuja entrada é ainda hoje assinalada por duas imponentes colunas de pedra encimadas de esferas, coexistiam vivendas resguardadas das vistas por belos jardins cercados de muros e grades – como a da família de um antigo presidente da República e a do esculápio da aldeia, posteriormente homenageado pela toponímia local – e “vilas” de operários, de mistura com prédios baixos de apartamentos, onde vivia a maioria da classe média local, incluindo a minha família. Na periferia havia um colégio de rapazes; no coração da aldeia, ao lado do quartel dos bombeiros, espalhava-se a escola primária, e em frente do caminho-de-ferro uma moradia de três andares albergava um orfanato, cujas pensionistas frequentavam comigo a escola, esse pequeno mundo utópico onde cada um valia pelo que era, e não pela sua origem.

Numa pequena povoação onde as pessoas se conheciam e se cumprimentavam todos os dias, e os miúdos brincavam sem cuidados no meio da rua ou no largo do mercado ou da igreja, a escola primária da aldeia não era mais do que o prolongamento natural do nosso convívio infantil; e os nossos

## O PRESENTE DE NATAL MISTERIOSO

Os ponteiros do relógio marcavam 7h00 quando Carolina acordou, entusiasmada. Olhou para o calendário na secretária e esfregou as mãos de satisfação. Finalmente, a sua data favorita tinha chegado.

— Dia 24 de dezembro — gritou, correndo em direção ao quarto da irmã.

— Que algazarra é esta? — perguntou Carlota, sonolenta. — Ainda acordas os pais com o barulho.

— Nós sempre nos levantamos cedo, para arrumarmos os presentes na árvore de Natal, limparmos a casa e ajudarmos a mãe a decorar a mesa. — disse ela, com um suspiro. — Deixaste de gostar deste dia?

— Hummm, deixa-me dormir — respondeu a irmã mais velha, escondendo-se debaixo do edredom.

"Vejam só! Agora, que fez 14 anos, acha-se muito adulta. E só tem mais dois do que eu!" pensou, aborrecida. Voltou ao quarto, vestiu a sua roupa mais bonita, penteou-se e foi até à cozinha, de onde exalava um suave aroma a açúcar e canela. Junto a um prato com filhoses, sonhos e rabanadas, encontrou uma nota deixada pela mãe: "Para as minhas filhas, Carolina e Carlota". Devorou um sonho com satisfação, bebeu um copo de leite e disparou para o quarto dos pais, a fim de ir buscar os presentes.

Entrou sorrateiramente em bicos dos pés, abriu com cuidado a porta do armário, onde julgava estarem as prendas de Natal, porém, só encontrou um pequeno embrulho. Olhou ao seu redor, ponderando onde a mãe as teria colocado. Espreitou debaixo da cama, por detrás dos cortinados, junto à secretaria do pai, mas nada de presentes à vista.

— Mãezinha... Onde guardou as prendas? — perguntou, em voz baixa, para não acordar o pai.

## *Memórias de Natal*

Não sei se o mesmo acontece convosco, mas, as minhas melhores memórias de Natal pertencem sempre à infância.

Escrever este texto remete-me a um tempo atualmente abstrato. É como abrir um livro antigo que está guardado na prateleira há tempo demais para nos esquecermos dele. Por vezes até questionamos a veracidade do que está lá dentro escrito... as coisas mudaram tanto que nem parece que alguma vez existiram ou aconteceram, de verdade.

É que os Natais eram sempre diferentes, naquela época... não só para nós, crianças, como também para os adultos.

Crescer numa comunidade militar com influência americana providenciou-me experiências únicas, na minha infância. No Natal, por exemplo, a loja americana a que tínhamos acesso, recebia carregamentos vindos em grandes aviões de mercadoria e enchia as prateleiras de brinquedos até se perder de vista. Vendia árvores de Natal de todos os tamanhos, luzes e decorações coloridas e brilhantes que, de outra forma, nunca teríamos acesso.

Havia imensos bombons, rebuçados e chocolates de sabores e combinações muito diferentes e também aperitivos: alguns com sabor a pizza!

As casas americanas e os seus respetivos quintais eram decorados com muitas luzes e estátuas alusivas à época.

Lembro-me que, à noite, os carros aglomeravam-se em filas, passando em velocidade reduzida, com olhos curiosos para apreciar e comparar as decorações: algumas delas davam música! Era, realmente, como se estivéssemos dentro de um postal de Natal.

Fora dos bairros americanos, o Natal nas nossas pequenas casas era diferente.

## Natal Memorialis

Era Natal. Luzinhas espalhavam-se pelo céu e por todas as casas, dando início à festa.

Uma correria louca entre a cozinha e a sala. Crianças, num alvoroço, riam umas com as outras. Os adultos sussurravam baixinho seus segredos recalcados e bem escondidos de nós, crianças. Nós topávamos tudo: as novidades, alegrias, tristezas e decepções dos adultos que, agora, neste Natal “*punbam a nu*” na sua tradicional “*cavaqueira*”.

Meu primo, muito mais novo que eu, sorridente com o seu mais recente playstation, largou-o ao “*Deus dará*” preferindo andar a correr comigo, sua pobre prima, aquela que quase nada tinha. Naquele momento, nenhum jogo topo de gama se comparava à brincadeira entre nós. Igualmente, filha única como ele, irradiava de felicidade por, finalmente, ter companhia infantil com quem brincar.

Sempre que se ouvia a sineta, lá corria eu, ansiosa, por abrir o largo portão de ferro.

Saudava sempre todos com um alargado sorriso, completamente desdentado, mas que a ninguém parecia fazer diferença. E, todos os que iam chegando, exclamavam admirados, mirando-me bem de cima a baixo:

- Estás cada vez mais crescida!... e despachada!

Eram os “ditos habituais” de todos os natais, repetindo-os sempre no reencontro, mas deixavam sempre a minha mente de criança, totalmente baralhada, levando-me a pensar com os meus botões: “Significa reprovção ou aprovação?... Estou a crescer... Não era suposto assim ser?!”. Então não era suposto ser normal o meu crescimento e desenvolvimento? o que teria de anormal o que era suposto ser normal acontecer!?!... estas eram as minhas divagações de criança, ainda em fase de descoberta da maneira de pensar dos adultos. Demonstra bem como nós crianças achávamos estranho como pensavam os adultos.



## Índice

Apresentação		7
Agostinho J. Vieira		9
	<i>O Melhor Natal de Sempre</i>	11
Alexandra Carneiro		19
	<i>Encanto de Natal</i>	21
Ana Ferreira da Silva		31
	<i>Não saiba a tua mão esquerda</i>	33
Cynthia Leite da Silva		39
	<i>O Natal memorável de Leonor</i>	41
Inês Cardoso		45
	<i>Táxi de Natal</i>	47
Joaquim Armindo		53
	<i>a sessão de Natal na escola primária</i>	55
	<i>os brinquedos de natal da escola dominical</i>	58
Maria João Amaral Graça		61
	<i>O Presente de Natal Misterioso</i>	63
	<i>Um Natal Mágico</i>	69
Melissa de Aveiro		73
	<i>Memórias de Natal</i>	75
Nina Pianini		79
	<i>Natal Memorialis</i>	81
Índice		91